

INFLUÊNCIAS AMERICANAS E INGLESA NO ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL OITOCENTISTA: PROSÓDIA INGLEZA (1878)

Elaine Maria Santos¹
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: Ao analisar o percurso do ensino de línguas no século XIX, no Brasil, percebe-se que os modelos educacionais seguidos estavam, quase sempre, centrados nos exemplos franceses, percebendo-se uma verdadeira luta por espaço, por parte de diversos professores de inglês, que tentavam provar a utilidade do ensino da língua inglesa. Poucas foram as oportunidades de ensino de inglês no Brasil oitocentista, tendo em vista a influência do francês, que detinha a carga de ser a língua de acesso à cultura e ao conhecimento. O ensino da língua inglesa começou a ganhar mais espaço no momento em que passou a ser exigido como pré-requisito para entrada nos Estudos Maiores e tornou-se obrigatório no Collegio de Pedro II. Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as influências norte-americanas e inglesas no que se refere ao ensino de língua inglesa no Brasil oitocentista, fazendo um paralelo com as disputas verificadas com o francês para o estabelecimento de um campo de trabalho. Para tanto, foram analisados anúncios de jornais, a legislação do século XIX e o compêndio *Prosodia Ingleza*, publicado em 1878, por Jasper Harben.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa; Século XIX; Prosodia Ingleza; Linguística histórica.

ABSTRACT: In analyzing the course of the teaching of languages in the nineteenth century in Brazil, one can see that the educational models which were followed were almost always centered on the French examples, perceiving a real struggle for space, by various English teachers, who tried to prove the usefulness of teaching English. There were few opportunities for teaching English in the nineteenth-century, in Brazil, due to the influence of the French, which was considered the language of access to culture and knowledge. The teaching of English began to gain more space when it was required as a prerequisite for those who wanted to study in the universities and mandatory for the ones who had signed up for classes at “Collegio de Pedro II”. In view of this context, this article aims to analyze American and English influences regarding English language teaching in the nineteenth-century, in Brazil, highlighting the disputes with the French for the establishment of a field of work. For that, newspapers, nineteenth-century legislation, and the book *Prosodia Ingleza*, published in 1878, by Jasper Harben, were analyzed.

KEYWORDS: English language; Nineteenth century; Prosodia Ingleza; Historic linguistics.

INTRODUÇÃO

Os olhares para a educação brasileira se intensificaram com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, juntamente com as medidas de estruturação do território brasileiro, que se faziam necessárias para que a corte pudesse se estabelecer no Brasil. Tendo a

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da UFS. E-mail: elainemaria.ufs@gmail.com

Inglaterra sido a nação aliada de Portugal, era de se esperar que, juntamente com a abertura dos portos à Inglaterra, a língua inglesa passasse a ter supremacia e a ser obrigatória em todos os contextos possíveis, principalmente o comercial. Observou-se, no entanto, que o estreitamento de laços entre Portugal e Inglaterra não foram imediatamente refletidos nas questões educacionais, uma vez que a língua francesa detinha grande poder no mundo ocidental e continuou a exercer a sua influência no Brasil, mesmo com a difusão de um discurso de ódio à França e aos seus súditos² (FREYRE, 1977; OLIVEIRA, 2006, HOLANDA, 2012).

A ode de ódio proferida pela coroa portuguesa à nação francesa, em apoio à Inglaterra, sua nação irmã e amiga, está presente em praticamente toda a extensão da Carta Régia de 02 de janeiro de 1809, culminando com uma nota de aviso para que os seus súditos não se iludam com as “falsas e monstruosas promessas do Governo Francez” (BRASIL, 1891, p. 5-6), pois esses não serão perdoados. “Os malvados que se venderam aos Francezes, e que com elles maquinaram a subversão da minha soberania, não devem confundir-se com aquelles que por temor e por julgarem o mal irremediavel se uniram o mesmo Governo usurpador” (BRASIL, 1891, p. 5-6). Aos primeiros, iludidos, o perdão é possível. Ao segundo grupo, mesmo sendo considerados como ingratos, serão tratados com justiça e sem vingança.

Permeando os discursos de ódio e repulsa à França e a todas as possíveis associações aos seus súditos e/ou negócios, encontrei, na *Collecção das Leis do Brasil do século XIX*, na *Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brasil* e nos *Annaes do Senado do Imperio do Brasil*,

² Com a iminência da invasão francesa, liderada por Napoleão Bonaparte, a família real se transferiu para o Brasil, passando a governar seu território em terras brasileiras. Essa vinda só foi possível graças ao auxílio da Inglaterra e de suas esquadras marítimas, tendo sido feita a exigência de que os laços seria estreitados entre Portugal, Brasil e a Inglaterra e que todas as vantagens fossem dadas a essa “nação amiga”, como foi chamada a partir do Tratado de Cooperação e Amizade assinado em 1810 (BORIS, 2012). Como a Inglaterra era nação inimiga da França, o ódio que a Inglaterra tinha pela França foi transplantado para a coroa portuguesa, que lançou vários decretos ameaçando punir todos aqueles que apoiassem os franceses, como pode ser percebido na Carta Régia de 02 de janeiro de 1809 (BRASIL, 1891, p. 5-6). No entanto, esse ódio era muito mais discursivo do que efetivo, uma vez que as influências educacionais continuaram sendo percebidas durante todo o século XIX, já que a França era sinônimo de civilidade

constatações e reconhecimentos aos inegáveis progressos que a nação francesa conseguiu e à necessidade de serem adotadas medidas que pudessem seguir os grandes modelos e autores, como prova de que o total rompimento com os ímpios se tornava quase que impossível. Nesse cenário de grande influência francesa nas questões educacionais brasileiras, esse artigo analisou algumas influências inglesas e norte-americanas na sociedade brasileira, no que se refere ao ensino de inglês. Para que os objetivos pudessem ser atingidos, além de um estudo bibliográfico, as seguintes fontes foram analisadas: *Collecção das Leis do Brasil do século XIX*, *Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brasil*, *Annaes do Senado do Imperio do Brasil*; jornais do século XIX, como *A Escola*, *O Globo*, *Diário do Brazil* e *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanak Laemmert*. A última fonte analisada foi o livro *Prosodia Inglesa*, publicado em 1878, por Jasper Harben.

A INFLUÊNCIA INGLESA NO ESTUDO DAS PRIMEIRAS LETRAS E NAS AULAS DE PRECEPTORIA

Entre as primeiras medidas de D. João VI, em terras brasileiras, após a vinda da família real para o Brasil, em 1808, destaca-se o discurso pelo desenvolvimento do país a partir da educação, ficando explícito, no entanto, que para o povo, bastava ler, escrever e contar, de modo que a mão de obra para o comércio pudesse ser preparada. Aos nobres era destinado um futuro diferenciado, por intermédio do ensino secundário e a preparação para os Estudos Maiores³, assegurando, assim, que essas pessoas “eleitas” pudessem alçar os melhores cargos da sociedade.

³ É importante perceber que, nos séculos XVIII e XIX, o ensino no Brasil estava dividido em Aulas de Primeiras Letras, Estudos Secundários e Aulas Maiores. Assim, para o povo, cabia o ensino do ler, escrever e contar, assegurado nas primeiras letras. A partir dos Estudos Secundários, os alunos se preparavam para o ensino superior, sendo necessária a aprovação nos Exames de Preparatórios das disciplinas exigidas para cada curso, havendo determinações diferentes para cada Aula, Academia ou Cursos (Exemplo: Academia Militar, Aulas de Comércio e Curso Jurídico), como eram

No que se refere à análise do ensino das primeiras letras no Brasil, merece destaque, neste recorte, as influências britânicas, percebidas nas primeiras décadas do século XIX, com a adoção do método de Ensino Mútuo ou Lancasteriano a partir de 1820. O método teve sua origem no final do século XVIII, na Inglaterra, tendo alcançado seu auge no século seguinte. Esse método foi desenvolvido a partir da necessidade identificada em decorrência da forte industrialização e urbanização vivenciadas pela Inglaterra, de modo que se fazia necessário pensar em uma forma de diminuir os custos com a educação do grande número de meninos que se acumulavam nas cidades. Assim, os ingleses Andrew Bell (1753-1832) e Joseph Lancaster (1778-1838) criaram um método pela qual o professor poderia ensinar aos alunos mais inteligentes, e estes, dividindo a turma em pequenos grupos, poderiam repassar para os demais o que haviam aprendido, fazendo com que muitas crianças pudessem ser ensinadas ao mesmo tempo (CASTANHA, 2012).

Com o método mútuo, as despesas com a instrução eram diminuídas e a instrução poderia chegar às classes mais pobres, a quem era destinado apenas o conhecimento básico de ler, escrever e contar. Em decorrência de um desentendimento de posicionamento teórico entre Bell e Lancaster, esse último aprimorou o método e patenteou-a com o seu nome (CASTANHA, 2012, P. 1-5). Ao ver seu método enfraquecido na Inglaterra, Lancaster decidiu divulgá-lo para outros países, como Portugal, Alemanha, Suíça, Canadá, Escócia, Irlanda, Itália, Estados Unidos e França, chegando ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX.

Hipólito José da Costa de Mendonça (1774-1823), como redator do *Correio Braziliense*, teceu grandes elogios, ainda em 1816, ao método mútuo e aos benefícios trazidos às crianças pobres, utilizando, como um dos argumentos, a força com que fora utilizada na França. Após essa

chamados os Estudos Maiores (ensino superior) no Brasil até então. Por volta de 1830, esses cursos começaram a ter uma estrutura melhor definida, agurpando-se em Faculdades. As Faculdades começaram, então, a se proliferar, com destaque para a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito (ALMEIDA, 2000)

propaganda aberta ao método de Lancaster, as primeiras ações em direção a sua adoção foram percebidas em 1820, com reflexos na legislação até 1875.

É interessante pontuar que a trilogia do ler, escrever e contar era presenciada apenas no que se refere ao ensino da língua materna, mas com o grande número de ingleses no Brasil, e com a necessidade de se aumentar a renda familiar desses estrangeiros, os anúncios em jornais do século XIX começaram a apresentar colunas dedicadas a todos aqueles que desejam oferecer seus serviços para o ensino do inglês, e esses anúncios começaram a se proliferar. Respeitando-se as políticas de sistematização das cadeiras de primeiras letras no Brasil, que previa que as mulheres só poderiam ensinar a pessoas do mesmo sexo, esta prerrogativa foi mantida nestes anúncios para o ensino da língua inglesa, e quando as poucas mulheres ofereciam seus serviços para o ensino de inglês, dirigiam-se a outras mulheres.

Era muito comum a presença de professores ingleses que aqui se estabeleciam e tiravam seus proventos com o serviço de preceptoria ou de aulas particulares, para treinar os jovens nas letras e nos bons costumes. Entre esses professores particulares, destacam-se, também, os padres dedicados ao ensino, podendo-se citar o padre Felisberto Antônio de Figueiredo e Moura, que, em um anúncio de 1811, colocou à disposição os seus serviços para lições de gramática latina, aritmética, inglês, desenho, pintura e retórica (FREYRE, 1977, p. 202-203).

Um exemplo de como o ensino de língua inglesa era encarado pela sociedade brasileira oitocentista, quando se referia à educação de meninas, ou sob a tutela de uma professora, pode ser encontrado na Gazeta do Rio de Janeiro de 8 de fevereiro de 1809, ao disponibilizar um anúncio de uma certa professora inglesa, que desejava ensinar inglês para meninas interessadas em aprender a ler, escrever, contar, inglês e português, bem como as mais diversas artes, como cozer e bordar. Para Freyre (1977, p. 201-202), trata-se de uma ousadia para a época, que deve ter escandalizado os pais mais ortodoxos da sociedade brasileira, ao ver uma mulher oferecendo seus serviços em um

jornal. Tal atitude, no entanto, era corriqueira na Europa, onde as mulheres tinham mais acesso à educação e se habituaram a anunciar em jornais os seus serviços educacionais.

Foi encontrado em 1813 um anúncio similar, dessa vez de uma certa D. Catharina, que oferecia não simplesmente os seus serviços, mas a oportunidade de estudo em uma escola feminina. “Era a disciplina inglesa a penetrar nas casas da burguesia ou da aristocracia brasileira para dar um feitiço novo à educação das meninas” (FREYRE, 1977, p. 202). A educação dos meninos também foi anunciada nos jornais da época, mas esses anúncios não escandalizavam, pois o homem tinha acesso regulamentado e aceito pela sociedade.

Eram corriqueiros os anúncios de americanos e ingleses oferecendo suas aulas em jornais, sendo esses últimos em quantidade ainda menor do que os dos professores de francês, o que pode justificar a maior procura pela língua francesa. Ao analisar os anúncios feitos no *Almanak Laemmert*⁴ em 1844, 1850 e 1860, fica claro que o número de anúncios de inglês era menor do que o de francês nas três edições analisadas, e que metade dos professores de inglês se propunham, também, a ensinar francês, que ainda continuava sendo a língua ocidental de acesso à cultura. Ao analisar os nomes dos professores que ofereciam seus serviços para o ensino de inglês, percebi que, em 1844, o número de pessoas com sobrenomes tipicamente britânicos ou americanos era uma unanimidade e, em 1860, essa proporção diminuiu de forma acentuada. Assim, seis sobrenomes (Barros, Barbosa, Brito, Silva, Maia, Rabello) se distanciaram daqueles esperados de uma descendência americana ou britânica, perfazendo um total de quase 50% dos professores, o que nos leva a refletir que, nas primeiras décadas do século XIX, 100% dos anúncios para aulas de inglês estavam relacionados, em sua grande maioria, aos ingleses e americanos que aqui moravam,

⁴ O *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanak Laemmert*, por ter sido produzido pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, de 1844 a 1889, pode ser considerado como um dos grandes veículos de informação do império, conhecido pelos seus classificados anuais, principalmente na oferta de trabalho e anúncios publicitários para os moradores do Rio de Janeiro.

tendo esse percentual sido reduzido a cada década, talvez pela maior divulgação do idioma em terras brasileiras (ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, 1843, 1850, 1860).

Os anúncios aqui apresentados giraram em torno de um padrão típico do século XIX, composto, em sua grande maioria, por falantes nativos da língua inglesa ou francesa e por homens. Apenas em 1860, quatro figuras femininas foram mencionadas, todas relacionadas ao ensino de francês, uma vez que a leitura de obras francesas poderia se constituir como atividade de distração recorrente entre as moças da alta sociedade brasileira.

INFLUÊNCIAS FRANCESAS E INGLESAS NO ENSINO SECUNDÁRIO

Apesar da influência britânica sobre as decisões econômicas do Império, a França continuava sendo o modelo a ser seguido nas questões relacionadas ao ensino. Alguns fatos podem ser destacados para comprovar tal assertiva: Primeiramente, ao oficializar o ensino do Francês e do Inglês em terras brasileiras, a Decisão n. 29, de 14 de julho de 1809, nomeou, também, os primeiros professores de Inglês, alertando que os mesmos

dictarão as suas lições pela Grammatica que for mais bem conceituada, enquanto não formalisarem alguma de sua composição; habilitando os discipulos na pronunçiação das expressões, e das vozes das repectivas línguas, adestrando-os em bem fallar e escrever, servindo-se dos melhores modelos do seculo de Luiz XIV, e fazendo que nas traducções dos logares conheçam o genio, e idiotismo da lingua, e as bellezas e elegância della, e do estylo e gosto mais apurado e seguido. Na escolha destes livros se proferirão os da mais perfeita e exacta moral; e para a comparação com a linguapatria se escolherão os autores classicos do seculo de quinhentos, que melhor reputação teem entre os nossos litteratos (BRASIL, 1891, p. 29).

Segundo as orientações dessa peça legislativa, o ensino deveria valorizar a comunicação, os costumes e os exemplos. O que mais nos chama a atenção, porém, é a associação feita ao tipo de exemplo a ser seguido, uma vez que a referência aos modelos do século de Luís XIV consolida

a ideia de beleza e de elegância da língua francesa, fortalecendo ainda mais o poder do francês no Império, em detrimento do Inglês, que comumente era visto como uma língua de hereges maçons e espíritas ou de comerciantes frios e insensíveis.

Um outro fator que comprova essa exacerbada influência francesa é o fato de as escolas públicas de instrução primária terem sido divididas, segundo Mattos (1999), em três classes de ensino, com conteúdos similares aos apresentados pela reforma de *François Guizot*⁵ (1787-1874), com a grande mudança de que, diferentemente do que ocorria na colônia, o ensino não se restringia mais ao ler, escrever e contar, com destaque para a difusão da língua nacional. Destaca-se, também, a distinção feita entre o instruir e o educar, também inspirada em obras francesas, tendo a instrução estado entre as prerrogativas das ações dos Saquaremas⁶.

Educar tornava-se, pois, a ação por meio da qual cada um dos alunos deveria adquirir os princípios éticos e morais considerados fundamentais à convivência social, aderindo de modo consciente ao espírito de associação. Era assim o complemento do ato de instruir que propiciava a cada indivíduo os germes de virtude e a idéia dos seus deveres como homem e cidadão. Instruir e educar eram, em suma, uma das maneiras - quiça a fundamental - de fixar os caracteres que permitiriam reconhecer os membros que compunham a sociedade civil, assim como aqueles que lhe eram estranhos, para além da fria letra do texto constitucional (MATTOS, 1999, p. 251).

A distinção entre instrução e educação, pela visão Saquarema, recebeu a influência francesa estabelecida por *Nicolas de Condorcet* (1743-1794), ao afirmar que, na instrução, encontram-se os conhecimentos delineados pelo Estado como sendo aqueles necessários para a sociedade. Já a

⁵ François Guizot foi o responsável pela organização do ensino na França, a partir da Lei Guizot, de 28 de junho de 1833, através da qual o ensino primário foi dividido em elementar, compreendendo o ensino de leitura, escrita, da moral e da religião, do cálculo e o sistema legal de pesos e medidas, bem como a língua francesa em sua forma elementar; e o primário superior, que compreenderia o ensino da geometria, noções de ciências físicas, de história e de geografia, principalmente da França. Para Mattos (1999), a divisão de ensino primário e secundário no Brasil oitocentista e as visões sobre disciplina, religião e primeiras letras apresentam muitos pontos de intersecção, podendo-se dizer, dessa forma, que houve influência francesa na definição dos preceitos da educação brasileira no século XIX.

⁶ No Segundo reinado, dois partidos políticos se dividiram no poder: os Saquaremas (conservadores) e os luzias (liberais). O termo Saquaremas surgiu pelo fato de muitos dos membros do partido conservador morarem no município fluminense de Saquarema, local onde as reuniões do partido eram realizadas. Durante os anos em eu permaneceu no poder, os Saquaremas ficaram conhecidos pelas suas ações extremamente centralizadoras e conservadoras (MATTOS, 1999).

educação abrange os sentimentos relacionados com as questões religiosas e políticas, moldando a sociedade conforme os anseios da elite (MATTOS, 1999, p. 252).

Com a criação do Imperial Colégio de Pedro II, não se pretendia acabar com os estudos secundários particulares, e sim oferecer um modelo a ser seguido, não somente de instrução, como também educacional, mantendo-se as mesmas concepções filosóficas inspiradas pelo modelo francês de Guizot e Condorcet. Para o desenho do Pedro II, teve-se a preocupação em promover o destaque dos estudos literários, e no delineamento dos princípios educacionais não foram seguidas influências britânicas, o que seria esperado, dada a grande influência da Inglaterra na vida comercial brasileira, o que pode ser explicado pela representação da língua francesa, no que se refere aos modelos de excelência e de costumes almejados no mundo ocidental, bem como nos livros recomendados para adoção na referida instituição, de modo que, por muitas vezes, mesmo destinados ao ensino de inglês, as obras indicadas eram escritas em francês. Para exemplificar, podemos citar *Petit cours de versions* (1867) e *Manuel de Phrases* (1867), ambas de Percy Sadler.

O modelo educacional francês foi privilegiado, já que, nas palavras de Bernardo Pereira de Vasconcelos, então Ministro do Império, quase todas as disposições foram copiadas dos "regulamentos dos colégios de França, apenas modificado por homens que gozam da reputação de sábios, e entendem o que deve alterar-se nas disposições desses estatutos" (VASCONCELOS *apud* HAIDAR, 2008, p. 98-99). A influência francesa pôde também ser percebida durante as diversas modificações pelas quais o Pedro II passou, como comprovado, por exemplo, no Decreto de 24 de janeiro de 1856, em que foram fixados os programas de estudo, na medida em que, nas palavras do Inspetor Geral Euzébio de Queiroz, o governo promoveu uma mudança, a partir de uma adaptação dos

últimos programas publicados para os liceus nacionais da França, fazendo-lhes as modificações, e alterações que exigiam a organização diferente dos estabelecimentos públicos de instrução secundária desse país e do Colégio de Pedro II, e a falta de livros apropriados para a diferença das matérias indicadas nos mesmos programas (QUEIROZ *apud* HAIDAR, 2008, p. 120).

A supremacia da presença francesa talvez seja mais perceptível quando a comparamos com a influência britânica nas questões educacionais do Brasil oitocentista, ou ao relacionarmos as cadeiras de francês e de inglês, ou analisarmos a presença das duas línguas nos exames para os preparatórios, ou, até mesmo, quando averiguamos a bibliografia dos cursos superiores e contabilizamos a quantidade de livros em língua inglesa e francesa. Neste momento, entendemos o porquê do Padre Tilbury (1827) ter feito uma súplica tão sentida e, até mesmo, desesperada, para que todos se voltassem ao estudo do inglês e não do francês, com o objetivo de acabar com uma supremacia que ameaçava o futuro do inglês, aos olhos do autor.

O livro *Graduated English Reader*, de James Edwin Hewitt, publicado, inicialmente, em 1885, comprova que essa rivalidade entre a França e a Inglaterra perpassou o século XIX. Na seção intitulada “Algumas Considerações sobre a Língua e a Litteratura Inglesa”, a língua e literatura inglesa são destacadas, quando comparadas com a realidade francesa, em decorrência da qualidade dos escritos e do teor moral presente nas obras, destacando-se, entre os argumentos utilizados, o fato de que

nas pinturas dos nossos romancistas ha sempre mais verdade do que na moderna escola realista dos franceses, que exagera tudo quanto tem a vida de miseravel, nojento e criminoso. Disse Schopenhauer que o materialismo era philosophia propria para barbeiro livre pensador; mas nem aos barbeiros recommendamos os ultimos productos da escola realista, e, demais a mais, crêmos sinceramente que os nossos contemporaneos parisienses sejam melhores do que os tristes personagens de Emile Zola. Em Inglaterra reina o defeito contrario, o do otimismo [...] este ideal é tão mais util para a vida moral como a hypothese para a sciencia positiva; mostra para onde devem tender os nossos esforços, ao mesmo tempo que nos faz esquecer, n’um mundo melhor, as rudes privações do mundo que nos cerca (HEWITT, 1922, p. xxvi).

Estes exemplos de textos encontrados em prefácios e notas do leitor auxilia-nos a ter uma ideia da representação que o ensino de língua francesa tinha no século XIX e da necessidade encontrada pelos professores em consolidar o campo para o ensino do inglês, lutando contra a supremacia francesa e contra o status alcançado com o estudo do francês.

PROFESSORES NORTE-AMERICANOS E INGLESES NO BRASIL OITOCENTISTA

De acordo com as pesquisas de Freyre (1977), com a crescente vinda de estrangeiros, principalmente ingleses, para o Brasil, crescia o número de comerciantes estrangeiros em terras brasileiras, com presença amplamente relatada nos jornais de circulação, sendo também comuns os anúncios de pessoas que se colocavam à disposição da preceptoria, com destaque para o ensino da língua francesa e, em menor proporção, do inglês. Ao analisarmos as publicações da primeira edição do Almanak Laemmert, em 1844, foram encontrados cinco anúncios para aulas de francês (Revrdo Guilherme Tilbury, Henrique Bertrand, Joaquim Russel, L. Emonin, Pe. Marcellino Pinto Ribeiro Duarte) e quatro anúncios para aulas de inglês (George Gibson, G. Milford, Guilherme Tilbury, Joaquim Russel), tendo Tilbury e Russel ofertado seus serviços para o ensino dos dois idiomas (ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, 1843, p. 214-215). A quase que igualdade no número de professores para cada aula pode dar uma ideia de que a procura era igual. No entanto, o crescimento acentuado no número de pessoas interessadas em ensinar francês, nas edições seguintes, pode nos dar uma melhor ideia sobre a grande influência francesa nos estudos da mocidade da corte.

Com exceção do sobrenome do Pe. Marcellino Pinto Ribeiro Duarte, os nomes dos demais professores sugerem uma origem estrangeira, reafirmando a constatação, anteriormente feita, de

que os primeiros professores de línguas no Brasil ou eram padres ou eram europeus, podendo, inclusive, ter sido ambos, como foi o caso do padre inglês Guilherme Tilbury.

Algumas figuras inglesas e norte-americanas se fizeram sentir na sociedade que aqui se formava, exercendo influência nas questões educacionais, seja pela história de vida, livros publicados e destaque alcançado. A primeira dessas figuras foi o padre inglês Guilherme Tilbury (1784-1863), professor do Imperador e das Augustas Princesas e nomeado, pelo Decreto de 17 de abril de 1821, como professor real para a Cadeira de Língua Inglesa do Seminário Episcopal de S. José, na cidade do Rio de Janeiro (BRASIL, 1860, p. 343). Em 1827, escreveu um compêndio intitulado *Arte Inglesa*, com apenas 44 páginas, primando pela simplificação de regras e concisão do ensino. O prefácio da obra se constituiu em um relato essencial para a compreensão do clima de tensão enfrentado pelo inglês para consolidação de um campo de trabalho, uma vez que o autor convocou a população a estudar a língua inglesa, em detrimento do francês, contra a “ímpia filosofia francesa”.

Um outro nome de destaque do século XIX é o do professor Jasper Lafayette Harben, nascido nos Estados Unidos e naturalizado brasileiro em 01 de abril de 1882, conforme pesquisa de Betty Antunes de Oliveira, em 2008 (OLIVEIRA, 2008, p. 13). Foi professor público habilitado pelo conselho diretor da Instrução Pública da corte, administrador dos periódicos *Brazil* e *Diario do Brazil*, professor da Escola Industrial e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, bem como diretor do Externato Jasper, de 1878 a 1882. A sua *Prosodia Inglesa*, única obra comercializada da qual se tem notícia, foi publicada em 1878 e colocada à venda no próprio Externato. Harben conduziu uma das instituições de ensino privadas mais famosas do império, tendo auxiliado, segundo o próprio autor, muitos alunos a conseguirem aprovação nos exames preparatórios. Estando à frente do Periódico *Diario do Brazil*, Harben publicou várias matérias

importantes para a área educacional, incluindo resenhas de livros em inglês e propagandas de seus livros e do Externato.

Em 1883, concorreu a uma vaga de professor no Collegio de Pedro II, tendo sido, inicialmente, reprovado, e logo em seguida, aprovado em quarto lugar, o que fez com que o professor externasse o seu descontentamento e a sua dúvida de idoneidade no processo, utilizando, para tanto, o jornal que dirigia – *Diario do Brazil*. Assim, o norte-americano levantou algumas dúvidas sobre a real capacidade da banca em julgar a sua performance e insinuou que a sua reprovação inicial e baixa nota na seleção justificava-se por questões de vingança, já que Jasper havia reprovado parentes dos membros da banca em seleções anteriores para o Externato Jasper. Harben também destacou os serviços prestados como educador, afirmando que nos doze anos em que dirigiu o Externato (1870 a 1882), mais de 500 alunos foram capacitados e aprovados nos exames de preparatórios da língua inglesa, com trinta destes recebendo aprovação com distinção (DIARIO DO BRAZIL, 15/06/1883, p.3).

Um outro nome de destaque no cenário educacional do século XIX foi o do professor britânico James Edwin Hewitt, que teve sua vida como professor de inglês bastante ligada a do professor Jasper Harben. Hewitt ficou responsável pelo ensino de inglês no Externato Jasper e, logo após, no Externato Hewitt, com o objetivo de treinar os alunos para os exames de preparatórios (DIARIO DO BRAZIL, 16/4/1882, p. 1). Além das aulas de inglês, Hewitt era admirador e pesquisador da vida e obra de Camões, tendo sido responsável pela tradução do primeiro canto dos *Lusíadas* para o inglês. De acordo com a edição N. 78, de 6 de abril de 1882 do *Diario do Brazil*, esta obra de Hewitt teve uma tiragem de 200 exemplares e foi totalmente destinada às bibliotecas e colecionadores de Camões. O periódico brasileiro reproduziu a matéria do *The British and American Mail*, em que o poeta Longfellow elogiou o trabalho apresentado, exaltando as qualidades da tradução feita.

Com o fechamento do Externato Jasper, em 1882, por questões pessoais (SANTOS, 2017), o Externato Hewitt passou a funcionar no mesmo endereço a partir de então, recebendo críticas positivas e anúncios em periódicos oitocentistas, como *A Semana*, *Gazeta da Tarde* e *Jornal Cidade do Rio*. Houve mudança no nome do Externato e alteração de direção do estabelecimento, com manutenção da estrutura física, dos materiais utilizados e dos alunos que já frequentavam as aulas regularmente, o que faz com que o compêndio de Jasper, *Prosodia Inglesa*, tenha sido utilizado no Externato Hewitt pelo menos até 1885, ano de publicação do livro: *Graduated Reader: Estrada Suave para o perfeito conhecimento da lingua inglesa mediate excertos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores autores ingleses e norte-americanos*, de autoria do novo diretor. Levando-se em consideração a grande quantidade de alunos que foram treinados no Externato Jasper para os exames de preparatórios, conforme relatado pelo diretor do estabelecimento, no *Diario do Brazil*, faz-se necessária uma análise da obra, com o objetivo de investigar a metodologia empregada, o modo pelo qual as questões linguísticas foram trabalhadas e o contexto educacional do século XIX, exposto no prefácio.

O ENSINO DE INGLÊS E OS PREPARATÓRIOS: A ANÁLISE DA GRAMÁTICA DE JASPER HARBEN

O ensino das línguas vivas, e entre elas, o inglês, ficou resumido, no século XIX, até a criação do Collegio de Pedro II, a algumas cadeiras isoladas, privilegiando-se o francês, em detrimento do inglês. Esses estudos eram procurados pelos alunos desejosos de frequentar os Estudos Maiores, com o objetivo de alcançar as aprovações nos exames requeridos para os cursos desejados.

Os exames preparatórios foram destacados em todos os estatutos para os cursos superiores do império, como, por exemplo, os estatutos para Escola de Medicina do Rio de Janeiro, de 6 de março de 1837, e a determinação de que nenhum estudante poderia se matricular na referida escola sem a aprovação em todos os exames de preparatórios, que deveriam versar, primeiramente, sobre a gramática latina, tanto em prosa quanto em verso, seguido dos exames de francês ou inglês, filosofia, aritmética e geometria (BRASIL, 1861, p. 95-97). Aos poucos, a língua inglesa passava a ser inserida nos preparatórios dos cursos superiores, continuando a ser omitida quando da escolha de apenas uma língua viva, o que resultou no aumento do número de alunos interessados nos preparatórios e diminuição na procura pelos estudos secundários, fazendo com que os exames preparatórios se tornassem as chaves mestras para os estudos maiores.

Com o sucesso dos preparatórios, de acordo com Oliveira (2006, p. 310), vários compêndios voltados para os Exames Gerais de Preparatórios foram publicados, como, por exemplo, a *Selecta Anglo-americana*, de Phillipe Maria da Motta de Azevedo Corrêa, a *Collection of classical extracts*, aprovada pelo Governo Imperial e traduzida por Charles Neucome Palmer, e a *Selected passages*, contendo versos retirados de Lingard, Macaulay e Milton. Somando-se a essas três obras, o compêndio de Jasper Harben, a *Prosodia Inglesa*, foi também utilizado com o propósito de treinar os alunos para os preparatórios.

De acordo com as orientações de estudo repassadas na *Prosodia Inglesa*, era recomendado que os alunos devessem ler e pronunciar, todos os dias, umas três ou quatro páginas do livro, bastando, após algum tempo de estudo, que essa leitura fosse feita duas ou três vezes por semana. O aprendizado seria assegurado após esse estudo contínuo, principalmente em decorrência do contato com a poesia inglesa, que apresentava, segundo o autor, um valor incalculável, por exercer influência no estilo da escrita do aluno, e ser capaz de “promover a perspicacidade ou clareza, bem como a graça da linguagem, e cultivar a pureza de pensamento e de gosto”, em uma valorização

do estudo da literatura, com destaque para as “obras grandiosas” de Shakespeare, Longfellow, Chaucer, Milton, Byron, Pope, Gray e Spenser (HARBEN, 1878, p. v).

Ainda no prefácio, o autor fez um desabafo sobre a pouca atenção dada ao ensino da língua inglesa, que deveria ser encarada como essencial para a educação, o que não ocorria, pois, segundo o norte-americano, poucos estavam realmente interessados em defender o ensino deste idioma, acusando estas pessoas de descaso “por falta d’estes conhecimentos praticos e theoreticos” (idem, p. vi). O relato do professor é de suma importância para a análise do ensino de inglês no Brasil, na medida em que detalhou as práticas que observava ao seu redor, o que, na impossibilidade de entrevistas e na ausência de cadernetas e cadernos de alunos, auxiliou-me a seguir algumas pistas sobre o modo pelo qual o ensino era processado.

É sabido que o curso usual de *instrução* (assim chamada!) na lingua ingleza aqui, no Brazil, consiste em fazer o alumno decorar algumas regras da grammatica, traduzir algumas paginas e compor meia-duzia de temas!

Absolutamente nada se faz para ensinar as partes mais essenciaes da lingua ingleza; nada absolutamente sobre a philosophia da construção; nada da facilidade de expressão; formas de idioma, formação de estylo, escolha de palavras acertadas, etc., sobre o assumpto importantissimo de versificação, poesia, figuras, etc.

Não há um só livro que explique as diversas formas e variedades de verso inglez. É verdade que se encontra algumas escassas observações em algumas grammaticas inglesas, porém [...] serviriam mais para atrazar do que adiantar o alumno (HARBEN, 1878, p. vi).

Trata-se de uma verdadeira ode a um ensino mais comunicativo e prático, que não estivesse ligado à simples memorização de regras e sim à compreensão do funcionamento da língua e formação de gosto linguístico e literário, para que cada aluno pudesse desenvolver seu próprio estilo de escrita e, conseqüentemente, de produção, seja ela escrita ou oral, desvinculando-se da simples tarefa de decodificação e repetição. É importante analisar o conteúdo apresentado neste compêndio para verificar se a composição de sua obra atendeu seus princípios norteadores, principalmente ao ser constatado que algumas das obras que deram sustentação à *Prosodia Ingleza*,

como as gramáticas de Murray, seguiam esta perspectiva da memorização e repetição de regras e vocabulários.

O estudo da Prosódia Inglesa se faz ainda mais importante por ter sido uma obra publicada por um ator norte-americano, em um cenário que privilegiava as influências inglesas, justificado por questões econômicas e políticas, já que a Inglaterra tinha sido a “nação amiga”, responsável por conduzir a família real ao Brasil, em 1808.

A influência norte-americana na educação brasileira começou a ser percebida, de forma mais acentuada, a partir da década de 1870, quando alguns professores foram enviados em missão diplomática para participação nas Exposições Universais e suas Conferências Pedagógicas, com destaque para a da Filadélfia, em que, por intermédio do aviso do Ministério do Império de 29 de fevereiro de 1876, o professor Phillipe Maria Motta de Azevedo Corrêa foi enviado aos Estados, tendo a obrigação de coletar objetos e materiais que pudessem servir de modelos para a educação brasileira e elaborar um relatório sobre as impressões coletadas no que se refere às questões relativas à instrução naquele país. (O GLOBO, 2/4/1876).

O periódico *A Escolar* relatou, em 1877, a necessidade em se implantar Museus Pedagógicos no Brasil, baseados nas exposições pedagógicas visitadas por Phillipe da Motta, demonstrando ter havido uma influência norte-americana em terras brasileiras, principalmente na segunda metade do século XIX. Assim sendo, um museu pedagógico foi fundado no Rio de Janeiro, servindo como espaço para que métodos de ensino pudessem ser estudados, e livros e objetos corriqueiramente utilizados em outros países pudessem ser analisados. Alguns objetos trazidos dos Estados Unidos foram disponibilizados no museu, como, por exemplo, um modelo de plástico da escola de Manchester, mapas escolares e fotografias de escolas norte-americanas, um exemplar de escrivaninha e banco utilizados nas escolas da Suécia e Noruega e outras peças de mobília vindas da Holanda e de alguns lugares dos Estados Unidos. (A ESCOLA, 1877, p. 106).

A *Prosodia Ingleza* é composta por 326 páginas, divididas em uma introdução, sobre a linguagem, com quinze páginas, e as demais voltadas para a prosódia, cobrindo, principalmente, a ortoépia, a ortometria e figuras de linguagem. Na introdução, o autor definiu a linguagem como sendo a representação dos pensamentos, das ideias e das emoções, próprias do espírito humano, utilizando, para tanto, os sons articulados e as letras e palavras. A partir de então, foram trabalhadas as características da linguagem e os radicais mais comumente encontrados e que dão origem às palavras utilizadas pelos membros da sociedade, com destaque para a linguagem escrita (HARBEN, 1878, p. 1-15).

É importante destacar o cuidado em definir a linguagem antes do trabalho gramatical propriamente dito, sinalizando estar o autor preocupado não somente com regras e memorizações, conforme havia sinalizado no prefácio, mas, também, com a compreensão linguística do aluno sobre o seu objeto de estudo.

Na *Prosódia*, o autor trabalhou a pronúncia das palavras (ortoépia), a tonicidade ou *stress*, a entonação e as leis de versificação (ortometria). Na ortoépia, Harben (1878) detalhou o som das letras, ditongos, tritongos e sílabas, buscando uma representação dos sons para auxiliar os alunos na compreensão da pronúncia. Assim, por exemplo, a palavra *paper* foi transcrita como *pei-pâr* e *father* como *fá-thâr* (idem, p. 18), o que é bastante interessante, porque, mesmo sendo norte-americano, o autor escolheu a pronúncia britânica, talvez pelo grande número de britânicos em terras brasileiras e pela valorização do inglês “padrão” na Europa.

Harben (1878, p. 24) apresentou as consoantes e vogais, buscando trabalhar a parte articulatória e destacando algumas classificações dos sons, como, por exemplo, a divisão das consoantes em mudas e sibilantes, bem como em labiais, palatais, guturais e linguais. Assim, foi estudando, extensivamente, os sons das letras e sílabas, com vários exemplos, regras simplificadas e algumas exceções, para que o aluno pudesse ser guiado no entendimento da ortoépia.

Como exercícios finais do trabalho das letras, contrariando as expectativas pelo estabelecimento de questões mais comunicativas, foram apresentadas algumas relações de palavras, que deveriam ser repetidas, nos seus grupamentos, respeitando-se os sons estudados, separadamente. Este tipo de atividade pode levar o professor a utilizar práticas criticadas por Harben (1878), como, por exemplo, a decoreba e declamação memorizada.

O mesmo tipo de prática foi observado com os outros assuntos da ortoépia, como, por exemplo, o trabalho com o acento das palavras e a inflexão da voz. Sucedendo à discussão teórica sobre os conteúdos, foram apresentadas algumas regras mais aprofundadas e uma grande variedade de exemplos para a prática. Neste momento, para exercitar o assunto aprendido, textos poéticos foram introduzidos e não apenas frases isoladas, como havia sido identificado no tópico gramatical anterior (idem, p. 173-221).

Após trabalhar as regras de versificação e propor exercícios focados na análise de textos poéticos, o autor finalizou sua obra discutindo sobre a linguagem figurativa e as figuras de linguagem mais corriqueiras no inglês, com especial destaque para as metáforas. Para exemplificação, foram empregados alguns textos literários, como os de Addison, Shakespeare, Milton, Pope, Burns e Thomson, levando sempre em consideração a importância em utilizar materiais que servissem como lição moral a ser seguida pelos alunos, como pode ser encontrado no excerto de Pope, do seu *Essay on Man* (Ensaio sobre o homem):

*Pride still is aiming at the blest abodes,
Men would be Angels, Angels would be gods,
Aspiring to be Gods, if Angels fell,
Aspiring to be Angels, Men rebel!*⁷ (POPE apud HARBEN, 1878, p. 320)

⁷O orgulho ainda tem como objetivo as residências mais abençoadas,
Os homens seriam Anjos, Anjos seriam deuses,
Aspirando a ser Deuses, se os Anjos caírem,
Aspirando a ser anjos, os homens se rebelam (Tradução minha)

A análise dos compêndios oitocentistas nos conduzem à constatação de que as práticas corriqueiras, estimuladas pelos livros, eram de memorização e estudo das partes da gramática, desvinculadas de uma preocupação maior com a formação de um estilo de escrita e fala, e as peças legislativas, principalmente relacionadas aos planos de estudo do Collegio de Pedro II, reforçam essa percepção. As palavras de Harben (1878) atestaram terem estas sido as práticas compartilhadas até então, lançando um apelo para que estes procedimentos pudessem ser modificados.

O compêndio de Jasper Harben se constituiu em uma obra bastante diferente da grande maioria das publicações oitocentistas, focando no entendimento do funcionamento da linguagem e no estudo do idioma a partir da pronúncia e da versificação e não das regras de gramática, que não foram trabalhadas no seu livro. O grande número de alunos aprovados nos preparatórios e a excelente receptividade que teve dos jornais da época comprovaram a eficácia da sua abordagem, não muito comum nas publicações do século XIX.

Um dos depoimentos que mais chamaram a atenção sobre a qualidade do livro de Harben foi publicado pelo *British and American Mail*, na seção de seu amigo James E. Hewitt, professor do Externato Jasper, tendo sua tradução sido reproduzida, também, no *Diario do Brasil*. O referido jornal afirmou que o sr. Harben era “um dos mais bem sucedidos, talvez devamos dizer o mais bem sucedido, do grande numero de professores de inglez que se acham na côrte do Rio de Janeiro”, o que fez com que fosse produzida uma obra de mérito reconhecidamente elevado, capaz de ser facilmente compreendida por “qualquer estudante de intelligencia ordinaria” (DIARIO DO BRAZIL, 21/4/1882, p. 1-3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória do ensino da língua inglesa, no século XIX, não pode estar baseada em uma mera análise linguística dos compêndios empregados, desconsiderando-se o contexto histórico, os embates por espaço e as representações que o estudo da língua estrangeira representava na época. Essas representações, no que se refere ao status social, foram retratadas por Freyre (1977), ao discorrer sobre diversos casos em que costumes da sociedade inglesa foram internalizados e passaram a fazer parte da nossa cultura, como, por exemplo, os longos passeios a pé após o almoço e a escolha de fazendas e modelos de vestidos utilizados pelas moças da alta sociedade do império.

No que se refere à aprendizagem de uma língua estrangeira, o fascínio que a língua francesa exercia na sociedade ocidental deve ser levado em consideração, uma vez que, mesmo com o fortalecimento dos laços comerciais entre a Inglaterra, Portugal e o Brasil, os modelos educacionais franceses eram ainda os privilegiados, de modo que a educação da mocidade pudesse ser assemelhada ao que de mais culto era desejado e sonhado. Somente a partir da criação do Collegio de Pedro II, em 1837, é que o Inglês começou a conquistar um espaço maior na sociedade brasileira, mesmo que ainda de forma tímida, uma vez que, de acordo com as pesquisas de Santos (2017), apesar da obrigatoriedade nos estudos para os exames preparatórios para os Estudos Maiores, o estudo de francês ainda ocupava uma maior quantidade de anos de estudo e de horas dedicadas em sala, sem contar que o estudo do Francês permaneceu obrigatório durante todo o século XIX, tendo sido considerado opcional para o inglês nos programas de estudo do Collegio de Pedro II / Gymnasio Nacional nos anos de 1892 e 1898.

Os padrões do ensino do inglês ainda foram influenciados pela quantidade de ingleses e norte-americanos que aqui fixaram residência e se dedicaram ao ensino, seja por intermédio de aulas particulares, seja prestando serviços em escolas públicas e particulares e publicando compêndios a serem utilizados em escolas e em preceptorias. Entre esses estrangeiros, destaca-se a

figura do professor Jasper Lafayette Harben, por ter fundado um externato na corte do Rio de Janeiro, ter sido diretor de um periódico de grande circulação (*Diario do Brazil*), ter compartilhado seus pensamentos no que se refere à educação e ao ensino de inglês no seu jornal diário, e ter publicado um livro nas últimas décadas do século, destinado ao ensino da língua inglesa, a partir dos pressupostos da prosódia, valorizando a oralidade e uma maior pluralidade de exercícios empregados, afastando-se da repetição de formas de ensino respaldadas na gramática e na tradução. Apesar de ainda focar a memorização, assemelhando-se a muitos outros livros publicados no século XIX, a obra de Harben (1878) se destacava por não valorizar a gramática e investir esforços no ensino da pronúncia. Deve ser ressaltado, também, a contribuição desse compêndio para a história da educação e para a linguística histórica, por ter tecido alguns comentários sobre o modo pelo qual os professores se dedicavam ao ensino de inglês, diante de um material de eleição.

Mesmo cientes de que as práticas baseadas na gramática e na tradução permearam os livros publicados no século XIX, estudos como este são necessários para que possamos entrar em contato com os tipos de exercícios empregados e as práticas narradas pelos seus autores, e possamos, também, ter acesso a publicações que, embora permanecessem no mesmo tipo de abordagem, tentaram buscar alguma inovação, como foi o caso da obra de Harben (1878), que trouxe um ensino de inglês baseado na pronúncia, e não em regras gramaticais, mesmo que ainda valorizando a memorização. Com essas análises comparativas podemos compreender a filosofia educacional que regia essas aulas, e traçar um paralelo sobre as ações que ainda são empregadas, resultados de práticas cristalizadas e enraizadas, mesmo que envoltas em novas roupagens, que abrigam os mesmos princípios norteadores.

REFERÊNCIAS

ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO PARA O ANNO BISSEXTO DE 1844. Primeiro anno. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843.

ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANNO DE 1850, por Eduardo von Laemmert. Decimo Setimo anno. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1850.

ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANNO DE 1860, fundado por Eduardo von Laemmert, dirigido por Carlos Guilherme Haring. Decimo Setimo anno. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1860.

A ESCOLA. Revista Brasileira de Educação e Ensino. Collaborada por varios professores e litteratos, sob a direção do sr. Luiz Joaqui Duque-Estrada Teixeira. Vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Serafim José Alves Editor, 1877.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Historia da Instrução Pública no Brasil** (1500-1889). Tradução: Antonio Chizzotti. São Paulo: EDUC/INEP /Comped, 2000.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

BRASIL. Collecção das Leis do Brasil de 1809: índice das Decisões. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1891.

_____. **Annaes do Senado do Imperio do Brasil.** Quarto Anno da Decima Legislatura. Sessão 1860. Do 1º a 31º de julho. Volume III. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil de M. Barreto, Filhos & Octaviano, 1860.

_____. **Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brasil de 1837.** Parte III. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1861.

CASTANHA, André Paulo. A introdução do método lancaster no Brasil: história e historiografia. In: IX Anped Sul, 2012, Caxias do Sul - RS. **Anais da IX Anped Sul.** Caxias do Sul - Rs: Ucs, 2012. v. 1. p. 1-16. In: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1257/12>. Acesso em 02 de maio de 2017.

DIARIO DO BRAZIL. Anno III, N. 86. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1883.

_____. Anno II, N. 85. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1882.

_____. Anno II, N. 89. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1882.

FREYRE, Gilberto. **Inglezes no Brasil:** aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1977.

Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HARBEN, Jasper L. **Prosodia Ingleza.** Novo methodo para aprender a pronunciar e fallar com facilidade todas as palavras da lingua ingleza. Rio de Janeiro. Em Casa do Auctor. Externato Jasper, 1878.

HEWITT, James Edwin. **Graduated English reader.** Estrada suave para o perfeito conhecimento da lingua ingleza mediante excerptos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores autores ingleses e norte-americanos para uso de seus discipulos. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia, 1885.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira:** Tomo II o Brasil monárquico volume 3. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema:** a formação do estado imperial. Rio de Janeiro: ACCESS, 1999.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1876.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Alguns dados históricos da vinda de norte-americanos ao Brasil no Séc. XIX**. In: <http://www.pibrj.org.br/historia/arquivos/DadosImigracaoAmericana.pdf>. 2008. Acesso em 30 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. A instituição das línguas vivas no Brasil: o caso da Língua Inglesa (1809-1890). Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. **Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Histórica, Política e Sociedade**. São Paulo, 2006.

SADLER, Percy. **Manuel de phrases françaises et anglaises, contenant de nombreux vocabulaires des mots les plus usités**, suivis chacun de petites phrases élémentaires servant d'exercice, précédés d'une série de leçons préparatoires, avec traduction interlinéaire, accompagné de dialogues familiers, a l'usage des classes élémentaires. Paris: Librairie Française et Anglaise de Truchy, 1867.

SADLER, Percy. **Petit cours de versions**; exercises for translation, English into French. New York: Leypoldt & Holt, 1867.

SANTOS, Elaine Maria. Entre a tradição e a inovação: professores e compêndios de inglês do século XIX. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Sergipe. **Programa de Pós-graduação em Educação**. São Cristóvão, 2017.

TILBURY, Guilherme Paulo. **Arte inglesa**, oferecida ao illustrissimo Senhor Visconde de Cayru. Rio de Janeiro: Na Typographia Imperial e Nacional, 1827.

Recebido em: 22/07/2017

Aceito em: 03/11/2017